

Editorial / Editorial



A formação é um tema caro a todos aqueles que se envolvem com educação, muito provavelmente pela força do legado espiritual da cultura, efetivada em diferentes experiências históricas que trouxeram um traço inovador para a compreensão humana. Particularmente destacam-se as consideradas clássicas: a *paideia* grega, a *humanitas* renascentista e a *Bildung* do idealismo alemão. Essas contribuições interpretaram o processo formativo como o estabelecimento do vínculo ético-político entre os homens e a comunidade e a criação de si mesmo e da interioridade.

Tal horizonte interpretativo, embora nunca abandonado, paradoxalmente não é tematizado como se esperaria. Ao contrário, com muita frequência, a formação se esvazia de seu significado e se dispersa em diferentes usos, associados aos processos de transformação da sociedade; qualquer reducionismo viola o potencial crítico da formação, deixando-a à mercê das exigências provenientes do mercado, que solicitam somente o domínio de competências. Daí decorre o risco de empobrecimento da experiência formativa, abrindo espaço para uma perigosa banalização da vida. Ou seja, a educação continua requerendo algo mais que a dimensão técnica do preparo de competências, que rompa, por um lado, com a letargia da repetição do mesmo e, por outro, com o incessante ímpeto pelo consumo, a obsessão pelas sucessivas produções de autoimagens e a ilusão da formação acelerada, que impedem a criação da nossa própria interioridade. Isso nem sempre é compreendido na urgência da vida e nas diferentes demandas profissionais do mundo contemporâneo.

Cabe ao debate filosófico discutir o legado da formação diante das exigências de nosso tempo. Um legado dessa ordem não se ajusta a uma abordagem anacrônica, nem erudita, muito menos ideológica: ele requer uma abordagem condizente com a historicidade do conceito, que analise suas transformações na contemporaneidade. Nossas visões de homem e de mundo demandam esforço interpretativo articulado com as heranças que nos constituíram, demandam, de igual forma, força imaginativa para criar um jogo entre a instituição e a subversão de sentido, entre a construção e a desconstrução. Um debate sobre formação abre novas perspectivas, dá lugar à pluralidade, ao diferente, àquilo que ainda não foi pensado. E nada mais pertinente que discutir a formação num momento em que a sociedade adquire a dolorosa autocompreensão das carências e fragilidades da educação brasileira.

O Grupo de Pesquisa Interinstitucional Racionalidade e Formação (CNPq) tem se associado a esse interesse teórico pelo desenvolvimento de pesquisas relacionadas com diferentes tipos de racionalidade e sua interface na formação educativa. Busca, ainda, a interlocução com outros pesquisadores, tanto do Brasil como do exterior, num esforço contínuo de diálogo vivo com a filosofia e as ciências humanas. Se, por um lado, sabemos que a pergunta pela formação é aberta, por outro lado, sabemos que suas respostas não se exaurem em dimensões técnicas. A filosofia não tem mais o monopólio interpretativo da cultura, mas ainda tem algo a dizer, um pensar sobre o próprio pensamento. Nessa perspectiva, o Grupo de Pesquisa Racionalidade e Formação realizou, nos dias 2 e 3 de setembro de 2010, em Porto Alegre, com apoio do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD) e da Secretaria de Relações Internacionais da UFRGS, o Simpósio Internacional sobre Filosofia e Educação – Novas visões de homem e de mundo. Foi um encontro de conversação e debate, um momento de aprendizado mútuo, marcado pela pluralidade das perspectivas teóricas e pela singularidade de cada uma das posições sobre a formação. Os textos dos convidados para o Simpósio e de outros pesquisadores que mantêm conosco interlocução acadêmica são agora publicados neste *Dossiê Formação: pluralidade interpretativa*, pela *Educação*, num esforço interinstitucional para divulgar aos interessados diferentes contribuições sobre a formação e ampliar o debate sobre um tema de indiscutível mérito.

Hans-Georg Flickinger apresenta a tese de que a autonomia e o reconhecimento constituem dois conceitos-chave da formação. Mostra a relação recíproca entre esses conceitos, articulando a fundamentação kantiana e a teoria hegeliana do reconhecimento, conforme a reformulação proposta por Honneth, para indicar que uma educação orientada desse modo tem mais condições de levar a uma “postura social capaz de aceitar diferenças, de reconhecer a autenticidade do outro e, assim, de alcançar a própria maioridade e autonomia do educando”.

A riqueza da *paideia* aristotélica é retomada por Alfredo Marcos ao resgatar as possibilidades contidas nessa tradição para a superação de reconhecidas deficiências da educação atual, a saber, a falta de clareza em seus objetivos e a falta de fundamentação e de operatividade de seus valores. Para responder a essa questão, o autor articula textos de Aristóteles e de alguns pensadores neo-aristotélicos contemporâneos, como Alasdair MacIntyre, Hans Jonas, Amartya Sen e Pierre Aubenque. Conclui pela produtividade da tradição aristotélica para identificar os fins adequados à educação e defende a proposta de uma educação das virtudes, com ênfase especial na virtude da *phronesis*.

Wolfgang Neuser retoma a contribuição da Renascença, experiência cultural decisiva para a criação da ideia moderna de sujeito e discute o desenvolvimento do conceito de formação. Com base na investigação de textos de Lutero, Erasmo e Pico della Mirandola, examina três diferentes modelos pedagógicos, que constituem a mentalidade renascentista. Desse modo, reconstrói o horizonte interpretativo no qual assume destaque o conceito de indivíduo. Mostra que a Renascença pensa esse conceito, especialmente como é formado por outro ou, se for o caso, como ele é formado por si mesmo. A questão está em saber se o indivíduo é uma instância pronta e acabada ou se ele é somente uma instância flexível. Se for assim, como pode uma instância flexível ser a referência para a certeza no âmbito do saber? Conclui que a Renascença prepara a elaboração dos conceitos de indivíduo e de sujeito de tal modo que a formação chegue a ser uma necessidade para que o sujeito funde o saber por si mesmo.

Bernhard Taureck parte do reconhecimento da insuficiência teórica, da dispersão semântica e da miséria pragmática do conceito tradicional de formação para empreender uma crítica radical da cultura, da sociedade de consumo do nosso tempo. Propõe um novo modo de compreender a formação, fazendo uma reinterpretação da alegoria da caverna de Platão e introduzindo a metáfora de plasma social. Toda metáfora tem um excesso simbólico e mostra o intraduzível do conceito, o que permite deixar a formação em aberto, livre de uma teleologia e em condições de apontar a aliança entre presença e a perda, entre elementos que permanecem e se abrem para outras descobertas. A formação se dá num horizonte que nunca se deixa explicitar completamente; por isso, a metáfora do plasma social rompe com a ideia de uma sociedade intacta, com uma autolibertação ingênua que não nos daria condições para lidar com a cultura do hiperconsumo, das ruínas diversas para apostar numa realidade que está por ser plasmada. Ao questionar as valorizações vigentes, plasmamos a nós e a realidade.

Amarildo Trevisan revisa a formação na alegoria da caverna platônica, apoiado nas categorias hegelianas da fenomenologia do espírito – estoicismo, ceticismo e consciência infeliz. Para Hegel, a formação do espírito não pode ocorrer igual à metáfora dos rapazes teimosos (ceticismo ou estoicismo), pois isso leva justamente ao desenvolvimento da consciência infeliz. A saída pode estar na articulação desses elementos na ideia do reconhecimento; porém, levando em conta a situação em que se encontram os aprisionados no fundo da caverna, o autor conclui que ainda não existe aí tal espírito de formação, embora não se possa dizer o mesmo sobre a presença da Filosofia. Por fim, questiona se essa oposição contribui também para desencadear as experiências de fracasso da formação atualmente e, ainda, de que maneira é possível articular esses dispositivos para que o reconhecimento não seja negado.

O artigo de Martin Sattler relaciona política, formação e secularização. Parte do reconhecimento de que a formação (*Bildung*) encontra-se em crise, gerando transformações em todo o sistema educacional. A crise, de natureza sociopolítica, projeta novas perguntas sobre as condições de possibilidade da formação e da relação homem-natureza (crise ecológica). Na análise dessa crise, assume relevância o processo de secularização, suas metamorfoses simbólicas (o deslocamento do sagrado ao profano) e as repercussões na política, em especial para o Estado nacional. Conclui pela impossibilidade de pensar a formação sem a autocompreensão dos profundos efeitos causados

pelos laços internos gerados em tal processo de secularização, que desloca elementos do sagrado ao profano, como um modo de manter vínculo social.

Gertrud Nunner-Winkler, pesquisadora do Instituto Max Planck (Alemanha) que aceitou contribuir com esse Dossiê, aborda a formação da identidade na contemporaneidade. A autora busca provar empiricamente duas teses. A primeira: mesmo em tempos de mudanças velozes, a identidade pode ser fundada através da adesão voluntária a valores; a segunda: apesar da multiplicidade normativa, nossas convicções morais se prestam especialmente para a formação da identidade.

Esses artigos expressam o vigor do debate, a inesgotabilidade do tema e nosso interesse em contribuir com uma abordagem filosófica. Mas uma revista só se completa com a participação dos leitores. Nosso convite à leitura é o melhor modo de continuarmos o debate sobre a formação.

NADJA HERMANN
LUIZ CARLOS BOMBASSARO